

DOENÇA MENTAL CRENÇAS DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, SAÚDE E SEGURANÇA

Carla Cruz

Adjunt Professor in Superior Health School
UICISA:E/CI&DETS/Polytechnic Institute of Viseu – PhD
cruzcarla@hotmail.com

Cláudia Chaves

Adjunt Professor in Superior Health School
UICISA:E/CI&DETS/Polytechnic Institute of Viseu – PhD

Emília Coutinho

Adjunt Professor in Superior Health School
UICISA:E/CI&DETS/Polytechnic Institute of Viseu – PhD

João Duarte

Coordinater Professor in Superior Health School
UICISA:E/CI&DETS/Polytechnic Institute of Viseu – PhD

Paula Nelas

Adjunt Professor in Superior Health School
UICISA:E/CI&DETS/Polytechnic Institute of Viseu – PhD

Recepción Artículo: 31 enero 2020
Admisión Evaluación: 4 marzo 2020
Informe Evaluador 1: 1 enero 2020
Informe Evaluador 2: 1 enero 2020
Aprobación Publicación: 20 abril 2020

RESUMO

Enquadramento: Ainda persiste na sociedade atual a crença de que as pessoas com doença mental são imprevisíveis, violentas e perigosas, surgindo indiscriminadamente crenças das doenças do foro mental e psiquiátrico, que prejudicam a qualidade de vida das pessoas que delas padecem. **Objetivos:** Identificar as variáveis sociodemográficas que interferem nas crenças, sobre doença mental, dos profissionais da educação, saúde e segurança; averiguar de que modo as variáveis socioprofissionais interferem nas crenças, sobre doença mental, dos profissionais da educação, saúde e segurança. **Métodos:** Estudo quantitativo, transversal e descritivo-correlacional. Os dados foram colhidos junto de 136 agentes educativos, sendo 62,5% professores, 32,4% enfermeiros e 5,1% agentes de segurança pública, maioritariamente do género feminino (70,6%), com uma idade média de 48,34 anos ($\pm 7,49$ anos). Como instrumento de recolha de dados utilizou-se um questionário de caracterização sociodemográfica e socioprofissional e o Inventário de Crenças sobre a Doença Mental (Loureiro, Dias e Ferreira, 2009). **Resultados:** Os agentes educativos (profissionais da educação, saúde e segurança) apresentam níveis mais elevados de crenças em relação ao reconhecimento da doença ($M=4,69\pm 0,64$) e em relação à doença mental como condição médica ($M=4,48\pm 0,73$), com menor índice médio na causa de estigma e discriminação ($M=2,21\pm 0,68$). As variáveis sociodemográficas que interferiram nas crenças em saúde mental são o sexo,

DOENÇA MENTAL CRENÇAS DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, SAÚDE E SEGURANÇA

a idade e as habilitações literárias; as variáveis socioprofissionais que influenciaram as crenças em saúde mental nos profissionais da educação, saúde e segurança, foram o grupo profissional e o tempo de serviço; as variáveis preditoras da incurabilidade, do reconhecimento da doença, da perigosidade e da crença na doença mental como condição médica são a idade, o sexo masculino, os residentes em meio urbano e o tempo de serviço ≤ 20 anos.

Conclusões: Os resultados deste estudo levam a inferir a necessidade de se desenvolverem ações de formação e/ou programas de educação para a saúde com o objetivo de dotar as comunidade de mais literacia em saúde mental, onde o enfermeiro tem um papel de destaque, como agente promotor de literacia em saúde mental, o que certamente contribuirá para a desmistificação de crenças sobre as doenças mentais e um melhor cuidar da pessoa com patologia mental.

Palavras-chave: doença mental; crenças; agentes educativos

ABSTRACT

Mental illness beliefs of education, health and safety professionals. Background: The belief that people with mental illness are unpredictable, violent and dangerous still persists in today's society, with indiscriminate beliefs about mental and psychiatric illnesses that harm the quality of life of people who suffer from them. **Objectives:** To identify the socio-demographic variables that interfere in the beliefs, about mental illness, of the professionals of education, health and safety; to find out how the socio-professional variables interfere in the beliefs, about mental illness, of the professionals of education, health and safety. **Methods:** Quantitative, transversal and descriptive-correlational study. Data were collected from 136 educational agents, 62.5% of whom were teachers, 32.4% nurses and 5.1% public security agents, mostly female (70.6%), with an average age of 48.34 years (± 7.49 years). A socio-demographic and socio-professional characterisation questionnaire and the Mental Illness Belief Inventory (Loureiro, Dias e Ferreira, 2009) were used as data collection tools. **Results:** Educational agents (education, health and safety professionals) present higher levels of beliefs regarding the recognition of the disease ($M=4.69\pm 0.64$) and regarding mental illness as a medical condition ($M=4.48\pm 0.73$), with lower average index in the cause of stigma and discrimination ($M=2.21\pm 0.68$). The sociodemographic variables that interfered with mental health beliefs are gender, age and education; the socioprofessional variables that influenced mental health beliefs in education, health and safety professionals were the professional group and length of service; the predictor variables of incurability, recognition of illness, dangerousness and belief in mental illness as a medical condition are age, male gender, urban residents and length of service ≤ 20 years. **Conclusions:** The results of this study lead to infer the need to develop training actions and/or health education programs in order to provide communities with more mental health literacy, where the nurse has a prominent role as a promoter of mental health literacy, which will certainly contribute to the demystification of beliefs about mental illness and a better care of the person with mental pathology.

Keywords: mental illness; beliefs; educational agents

INTRODUÇÃO

A saúde mental inclui o bem-estar emocional, psicológico e social. Afeta a forma como se pensa, sente e age. Também ajuda a determinar como lidamos com o stresse, nos relacionamos com os outros e como se fazem as escolhas. A saúde mental é importante em todas as fases da vida, desde a infância e adolescência até a idade adulta (Ibrahim, Amit, Shaha et al., 2019).

O estigma em relação às doenças mentais, decorrentes de crenças preestabelecidas e errôneas, são uma preocupação para os profissionais de saúde, assim como para as pessoas que as vivenciam. Pessoas com transtornos mentais são frequentemente rotuladas e estigmatizadas pela sociedade devido ao seu comportamento e aparência que são considerados desviantes das normas da sociedade (Ismail & Abd Wahab, 2015).

O estigma refere-se a um atributo que a sociedade considera indesejável e que leva à exclusão de um indivíduo da sociedade. Estereótipos negativos, preconceitos e discriminação da sociedade podem ser interiorizados e gerar sentimentos de incompetência e baixa autoestima. (Ismail & Abd Wahab, 2015). Estudos mostraram que

o estigma decorrente das crenças é um dos fatores desencorajadores para a procura de ajuda em termos de saúde mental (Ibrahim, Amit, Shaha et al., 2019).

As pessoas com transtornos mentais estão frequentemente sujeitas à estigmatização, sendo temidas ou evitadas (Lesnar, Gerb, Hizli et al., 2019).

Além das adversidades decorrentes de ter uma doença mental, essas pessoas são frequentemente sobrecarregadas pelo impacto social negativo das crenças associadas à doença mental. Deste modo, as crenças e atitudes negativas resultam na estigmatização da pessoa com doença mental. É, portanto urgente e de vital importância procurar uma melhor compreensão dos caminhos que conduzem aos estigmas associados à doença mental para que se possam minimizar as suas consequências negativas.

Face a esta problemática formulámos as seguintes questões de investigação: Que variáveis sociodemográficas interferem nas crenças em saúde mental nos profissionais da educação, saúde e segurança? De que modo as variáveis socioprofissionais interferem nas crenças em saúde mental nos profissionais da educação, saúde e segurança?

METODOLOGIA

Delineamos uma pesquisa de natureza quantitativa, descritiva, correlacional e analítica, retrospectiva e transversal. Como método de recolha de dados optou-se por um protocolo constituído por um questionário e uma escala. O questionário *ad hoc* (elaborado para o efeito), possibilita a caracterização sociodemográfica da amostra apresentando 5 questões, referentes à idade, género, zona de residência, estado civil e habilitações académicas e a caracterização socioprofissional, 4 questões que se referem ao grupo profissional, tipo de vínculo à instituição, horário de trabalho, contacto com crianças/adolescentes. Possuí ainda o Inventário de Crenças sobre a Doença Mental de Loureiro, Dias e Ferreira (2006) A colheita de dados foi realizada via online e os dados foram tratados com o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 24.0.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A doença mental é uma questão predominante na saúde pública, contribuindo para uma elevada carga económica a nível da comunidade. Estima-se que até 45% das pessoas possa vivenciar uma doença mental em algum momento durante a sua vida. No entanto, nem todas as pessoas que experimentam os sintomas de uma doença mental recebem o mesmo nível de cuidado ou tratamento, o que é parcialmente atribuível às crenças e atitudes da população em geral em relação às doenças mentais (Gibbons, Thorsteinsson & Loi, 2015).

Estudos mostram que as pessoas, em geral, exibem historicamente uma baixa literacia em saúde mental no que se refere a vários aspetos das doenças mentais (Goldney, Fisher & Wilson, 2001; Jorm et al., 1997; Jorm, Christensen & Griffiths, 2005a; Jorm, Christensen e Griffiths, 2005b, cit. por Gibbons et al., 2015). Loureiro, Dias e Aragão (2008) referem que as mudanças protagonizadas ao nível das políticas de saúde mental e psiquiátrica, manifestas nos vários relatórios nacionais e internacionais, reconhecem o estigma e a discriminação associados às doenças mentais, conservadas em estereótipos, como a perigosidade, a imprevisibilidade e a incurabilidade.

O estudo empírico realizado permitiu traçar um perfil sociodemográfico e profissional de uma amostra do tipo não probabilístico por conveniência ou acidental. Esta é constituída por 136 agentes educativos, dos quais 62,5% são professores, 32,4% enfermeiros e 5,1% agentes policiais, com uma idade média de 48,34 anos ($\pm 7,49$ anos), maioritariamente com ≥ 55 anos (46,3%), residentes em meio urbano (72,8%), com companheiro(a) (70,6 %) e com o grau académico de licenciatura (68,4%).

Apurou-se que 26,5% dos agentes educativos lidam maioritariamente com crianças do 1.º ciclo do ensino básico, 53,7% com crianças/adolescentes do 2.º ciclo do ensino básico e 61,8% com crianças/adolescentes do 3.º ciclo do ensino básico. A maioria possui entre 21-30 anos (50,7%) de tempo de serviço, com vínculo em funções públicas (78,7%).

Ainda em relação à idade, verifica-se que, para a totalidade da amostra, sobressaem os participantes com idade igual ou superior aos 55 anos (46,3%), no género masculino, este grupo representa 50,0% e no feminino

DOENÇA MENTAL CRENÇAS DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, SAÚDE E SEGURANÇA

44,8%. Seguem-se os participantes mais novos (≤ 44 anos) com uma representatividade de 27,2%, fazendo parte deste grupo 17,57% do género masculino e 31,3% do género feminino. Os participantes com idade compreendida entre os 45-54 anos representam 26,5% do total da amostra, com 32,5% do género masculino e 24,0% do género feminino.

Quanto à zona de residência, a maioria da amostra (72,8%) reside em meio urbano, destes 80,0% dos participantes são do género masculino e 69,8% do género feminino. Quanto aos residentes em meio rural, 27,2% da amostra total, 20,0% são do género masculino e 30,2% do género feminino

Os resultados relativos ao estado civil indicam que há um claro predomínio de participantes a coabitarem com companheiro(a) (70,6 %), sendo 87,5% do género masculino e 63,5% do género feminino. Dos 29,4% de participantes que não têm companheiro(a), 12,5% são do género masculino e 36,5% do género feminino. Registam-se diferenças estatisticamente significativas ($X^2=7,806$; $p=0,005$), cujos valores residuais indicam que essas diferenças se situam entre as mulheres sem companheiro e os homens com companheira.

No que se refere às habilitações literárias, constata-se um predomínio de participantes com a licenciatura (68,4%). Quando analisamos os resultados por género, o maior destaque recai nas mulheres (71,9%), para 60,0% dos homens licenciados. Verifica-se que 27,9% dos indivíduos da amostra possui o mestrado/doutoramento, com 27,5% de homens e 28,1% de mulheres, estando em menor representatividade os participantes com $\leq 12.^{\circ}$ ano (3,7%), representando 12,5% dos homens.

No que diz respeito à primeira questão de investigação que previa saber que variáveis sociodemográficas interferem nas crenças em saúde mental nos profissionais da educação, saúde e segurança, constatou-se que o sexo, a idade e as habilitações literárias foram variáveis com relevância estatisticamente significativa.

Assim, aferiu-se que os agentes educativos do género feminino revelam valores de ordenação média mais elevados em quase todos os fatores das crenças sobre a doença mental, excetuando no Fator 3 - *Causa de estigma e discriminação*, sugerindo crença no estigma e na discriminação nas esferas relacionais mais próximas da pessoa com doença mental. Os agentes educativos consideram mais a doença mental como condição médica, sugerindo que a sua perceção se relaciona com a crença de que a doença mental é uma condição clínica, como seja uma doença física, remetendo o seu tratamento para a terapêutica medicamentosa. Existem diferenças estatisticamente significativas no Fator 2 - *Reconhecimento da doença* ($p=0,014$) e no Fator 6 - *Doença como condição médica* ($p=0,000$).

Constatou-se que os agentes educativos com idade ≥ 55 anos, na globalidade, apresentaram valores médios mais elevados, com exceção do Fator 5 - *Responsabilidade individual* e no Fator 6 - *Doença como condição médica*, onde sobressaem os agentes educativos com idade ≤ 44 anos. Os agentes educativos com mais idade (≥ 55 anos) manifestam mais *reconhecimento da doença mental* (Fator 2), resultando em diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários, particularmente em relação ao Fator 1 - *Incurabilidade* ($p=0,001$) e Fator 4 - *Perigosidade* ($p=0,001$).

Os agentes educativos licenciados manifestam valores de ordenação média mais elevados no Fator 1 - *Incurabilidade*, no Fator 3 - *Causa de estigma e discriminação* e no Fator 4 - *Perigosidade*. Os agentes educativos com o mestrado/doutoramento apresentam valores de ordenação média mais elevados no Fator 2 - *Reconhecimento da doença*, no Fator 5 - *Responsabilidade Individual* e no Fator 6 - *Doença como condição médica*, uma perceção que expede para a crença de que a pessoa com doença mental é responsável pela sua doença/saúde e para a crença de que a doença mental é uma condição clínica, como seja uma doença física, remetendo o seu tratamento para a terapêutica medicamentosa. Constatou-se relevância estatisticamente significativa no Fator 3 - *Causa de estigma e discriminação* ($p=0,034$).

Loureiro, Dias e Aragão (2008) realizaram um estudo descritivo-correlacional com uma amostra de 834 indivíduos adultos residentes em quatro freguesias de Penacova, tendo recorrido, entre outros, aos Inventário de Crenças acerca da Doença Mental - ICDM (Loureiro, Dias & Ferreira, 2006). Os resultados do estudo acerca das crenças e atitudes face aos doentes e às doenças mentais indicam um alto nível de aceitação e tolerância, apesar de persistirem mitos como incurabilidade e a perigosidade, como manifestaram os agentes educativos licencia-

dos da amostra do presente estudo. Loureiro, Dias e Aragão (2008) referem que, por um lado, as atitudes mais autoritárias associam-se essencialmente às crenças na incurabilidade e perigosidade das doenças mentais, por outro lado, as atitudes mais benevolentes e tolerantes estão associadas a um maior reconhecimento da doença, inclusive a sua condição médica. Deste modo, os mesmos autores consideram que, independentemente das características sociodemográficas das pessoas, promover-se uma mudança de atitude positiva na forma como se encaram as doenças mentais, uma vez que ainda há crenças ancoradas nos estereótipos da incurabilidade, da perigosidade e na crença que as doenças mentais são causa de estigma e discriminação, como verificado no presente estudo.

No que concerne à segunda questão de investigação, através da qual se procurou saber de que modo as variáveis socioprofissionais interferem nas crenças em saúde mental nos profissionais da educação, saúde e segurança, verificou-se que o grupo profissional e o tempo de serviço foram variáveis com interferência estatisticamente significativa nas crenças sobre a doença mental.

Por conseguinte, constatou-se que os professores pontuaram mais no Fator 1 – *Incurabilidade*, no Fator 3 – *Causa de estigma e discriminação* e no Fator 4 – *Perigosidade*, o que remete para a crença de incurabilidade da doença mental e para as crenças alusivas, a falta de competências da pessoa com doença mental assumir responsabilidades do foro laboral e familiar, bem como para a crença do estigma e discriminação nas esferas relacionais mais próximas da pessoa com doença mental e para a crença de que os doentes mentais são imprevisíveis, logo, perigosos, podendo-os levar a ter um comportamento violento e, até, criminoso.

Os enfermeiros apresentam um valor de ordenação média mais elevada no Fator 5 – *Responsabilidade Individual* e no Fator 6 – *Doença como condição médica*, uma percepção que expede para a crença de que a pessoa com doença mental é responsável pela sua doença/saúde e para a crença de que a doença mental é uma condição clínica, como seja uma doença física, remetendo o seu tratamento para a terapêutica medicamentosa.

Os agentes da PSP apresentaram um valor de ordenação média mais elevado no Fator 2 – *Reconhecimento da doença*, indicador de que estes participantes apresentam uma melhor percepção de não estigmatização da doença mental, sugerindo a sua aceitação, a crença no tratamento da doença mental e a crença na recuperação/reabilitação da pessoa com doença mental. Registam-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos profissionais, nomeadamente no Fator 3 – *Causa de estigma e discriminação* ($p=0,020$) e no Fator 4 – *Perigosidade* ($p=0,003$) e no Fator 6 – *Doença como condição médica* ($p=0,000$).

As crenças e atitudes da comunidade em geral têm-se mostrado discordantes das crenças e atitudes dos profissionais de saúde, com as pessoas frequentemente a encarar a medicação, a hospitalização e o tratamento psiquiátrico como algo negativo (Goldney, Fisher & Wilson, 2001; Jorm et al., 1997, cit. por Gibbons et al., 2015). Estes resultados indicam que, embora haja uma melhoria geral na literacia em saúde mental, com a maioria das pessoas a reconhecer mais habilmente, por exemplo, a depressão, a avaliar mais positivamente uma série de intervenções e a manter crenças e atitudes mais consistentes com as dos profissionais de saúde, os ganhos ainda precisam de ser maiores em relação, por exemplo, à esquizofrenia e aos transtornos de ansiedade que ainda são sub-reconhecidos e estão associados a crenças negativas e estereotipadas (Gibbons et al., 2015).

Os resultados apurados indicam que são os agentes educativos com um tempo de serviço entre os 21-30 anos os que apresentam valores de ordenação média mais elevados em quase todos os fatores, excetuando o Fator 6 – *Doença como condição médica* onde pontuaram mais os agentes educativos com menos anos de serviço, indicando uma percepção mais relacionada com a crença de que a doença mental é uma condição clínica, como seja uma doença física, remetendo para a terapêutica medicamentosa da mesma. Regista-se diferença estatisticamente significativa no Fator 4 – *Perigosidade* ($p=0,006$), onde pontuaram mais os agentes educativos com mais tempo de serviço. O facto de se ter verificado que os agentes educativos com menos tempo de serviço são os que consideram as doenças mentais como uma condição clínica como outras doenças, poderá justificar com o facto de estes possuírem também menos idade cronológica e, como tal, serem mais benevolentes ou possuírem mais literacia em saúde mental face às pessoas com doenças mentais.

DOENÇA MENTAL CRENÇAS DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, SAÚDE E SEGURANÇA

Embora as doenças mentais se tenham democratizado e universalizado, ou seja, deixaram de ser uma exceção para poderem acontecer a qualquer pessoa em qualquer momento, estas ainda continuam a estar associadas a estereótipos negativos, como mostram os resultados deste estudo, resultando em rejeição, preconceitos, discriminação e até mesmo exclusão social das pessoas com doença mental. Persistem também crenças de que os doentes mentais são imprevisíveis, violentos e perigosos, resultando na reprodução indiscriminada de crenças distorcidas sobre as doenças do foro mental e psiquiátrico. Essas crenças espelham imagens negativas que sustentam mitos que acabam por ser destrutivos da imagem da pessoa com doença mental, requerendo-se, assim, mais campanhas públicas de informação e sensibilização sobre as doenças mentais, desmistificando-se ideias negativas preconcebidas (Loureiro, Dias & Aragão, 2008); Gibbons et al., 2015). As atitudes e as crenças sociais negativas sobre as doenças mentais podem afetar a aceitação e o tratamento das pessoas acometidas. No entanto, Choudhry et al. (2016) salientam que o conceito de doença mental nem sempre é do conhecimento de toda a população e, como tal, pode ser difícil medir as crenças da sociedade em geral sobre a doença mental.

As variáveis preditoras da incurabilidade, do reconhecimento da doença, da perigosidade e da crença na doença mental como condição médica são a idade, o sexo masculino, os residentes em meio urbano e o tempo de serviço ≤ 20 anos. Assim, constatou-se que os homens e os agentes educativos com tempo de serviço igual ou inferior aos 20 anos, com mais idade e residentes em meio urbano revelam crenças mais elevadas no que se refere à incurabilidade da doença mental. Por outro lado, os homens e quanto menor o tempo de serviço mais crença no reconhecimento da doença. Aferiu-se ainda que quanto menos idade os agentes educativos têm mais acreditam na perigosidade da doença mental. Os agentes educativos mais novos, os homens e os residentes em meio urbano acreditam mais na doença mental como condição médica.

É de referir que, segundo Loureiro, Dias e Aragão (2008), as crenças na incurabilidade e perigosidade já são referenciadas em estudos realizados desde a década de 50/60 do século XX e os resultados apurados no presente estudo sugerem que essa atitude ainda não se atenuou. Por conseguinte, a continuidade destes estereótipos negativos, ainda que tenha havido uma melhoria ao nível da informação, com aumento da sensibilidade em termos de opinião pública, não escondem as barreiras invisíveis que as pessoas com doença mental enfrentam, nem escondem os problemas de acesso aos cuidados de saúde.

CONCLUSÃO

Numa amostra de 136 agentes educativos professores, enfermeiros e agentes policiais, com uma idade média de 48,34 anos ($\pm 7,49$ anos), maioritariamente com ≥ 55 anos, concluiu-se que:

- as variáveis sociodemográficas que interferiram nas crenças em saúde mental são o sexo, a idade e as habilitações literárias.

- as variáveis socioprofissionais que influenciaram as crenças em saúde mental nos profissionais da educação, saúde e segurança, foram o grupo profissional e o tempo de serviço.;

- as variáveis preditoras da incurabilidade, do reconhecimento da doença, da perigosidade e da crença na doença mental como condição médica são a idade, o sexo masculino, os residentes em meio urbano e o tempo de serviço ≤ 20 anos.

Os resultados obtidos levam a considerar que se deve insistir continuamente na adoção e implementação de medidas que promovam literacia em saúde mental, de modo a que a sociedade em geral possa encarar a doença mental de forma mais positiva, conducente à redução do estigma e à discriminação, desafiando-se, assim, as representações negativas e socialmente construídas acerca da doença mental.

Sugere-se a implementação de ações de formação em contexto escolar para que a doença mental seja percebida de uma forma positiva.

Será igualmente importante que os enfermeiros eduquem a comunidade em geral sobre a curabilidade da pessoa com doença mental que deve ser encarada da mesma forma como a pessoa com doença física. Tal como as doenças físicas, muitas doenças mentais também têm uma etiologia definida, requerendo cuidados e tratamen-

to, para que as pessoas afetadas possam regressar à comunidade e retomarem a sua vida normal, profissional, familiar e social, em toda a sua plenitude.

É imperioso que se desmistifiquem os preconceitos sobre as doenças mentais, que se assumem como obstáculos, bloqueando os esforços daqueles que veem as doenças mentais como uma doença com tratamento. Os estigmas relacionados com as doenças mentais resultam do medo do desconhecido e de um conjunto de falsas crenças que dá origem à falta de conhecimento e compreensão.

Devemos direcionar as nossas práticas na procura de uma melhoria do conhecimento da doença mental, desmistificando falsas crenças e estereótipos, fornecendo informações acerca da doença mental e das pessoas que dela sofrem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Choudhry, F.R., Mani, V., Ming, L.C., & Khan, T.M. (2016). Beliefs and perception about mental health issues: a meta-synthesis. *Neuropsychiatr Dis Treat*, 12, 2807-2818. doi: 10.2147/NDT.S111543.
- Gibbons, R.J., Thorsteinsson, E.B., & Loi, N.M. (2015). Beliefs and attitudes towards mental illness: an examination of the sex differences in mental health literacy in a community sample. *Peer J*, 2-15. Acedido em <https://peerj.com/articles/1004.pdf>
- Ibrahim, N., Amit, N., Shaha, S. et al. (2019). Do depression literacy, mental illness beliefs and stigma influence mental health help-seeking attitude? A cross-sectional study of secondary school and university students from B40 households in Malaysia. *BMC Public Health*, 19(Suppl 4), 544, 2-8. Acedido em <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/s12889-019-6862-6>
- Ismail, R.F., & Abd Wahab, H. (2015). Persepsi pesakit mental terhadap stigma masyarakat. *Akademika*; 85:13-24.
- Lesnar, U.V., Gerb, J., Hizli, H. et al. (2019). Stigma of Mental Illness in Germans and Turkish Immigrants in Germany: The Effect of Causal Beliefs. *Frontiers in Psychiatry Front. Psychiatry*, Acedido em <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00046>
- Loureiro, L., Dias, A., & Ferreira, P. (2006). ICDM – Um inventário de crenças acerca da doença mental. *Revista de Investigação em Enfermagem*. 14, 36-44.
- Loureiro, L.M.J. de, Dias, C.A.A., & Aragão, R.O. (2008). Crenças e Atitudes acerca das doenças e dos doentes mentais Contributos para o estudo das representações sociais da loucura. *Revista Referência*, II.ª Série - n.º8, 33-44. Acedido em <http://www.index-f.com/referencia/2008pdf/8-3344.pdf>

